Excelentíssima Senhora Presidente Ursula Von der Leyen,
Excelentíssimo Senhor Presidente Emmanuel Macron,
Excelentíssimo Senhor Primeiro-Ministro António Costa,
Caros europeus,

É para mim motivo de enorme orgulho estar aqui hoje, agora que chegamos ao fim desta etapa, neste exercício único de cidadania ativa. Na construção europeia. Na preparação dos nossos alicerces para o futuro.

De entre os múltiplos discursos que ouvimos hoje, parece-me que podemos reter uma mensagem: o futuro da Europa está ainda por escrever e a nossa história depende de nós, de todos nós.

Este debate assumiu uma nova dimensão em 24 de fevereiro, quando o Presidente Putin ordenou ao seu exército que invadisse a Ucrânia. Um ato primitivo de agressão que mudou o mundo.

O mundo pós-24 de fevereiro é um mundo muito diferente. Tornou-se mais perigoso. E com esta mudança, o papel da Europa mudou também. Não podemos dar-nos ao luxo de perder mais tempo.

A forma como reagimos e como temos de continuar a responder à invasão constitui a prova decisiva dos nossos valores. A unidade e a determinação da nossa resposta confundiram os críticos e fizeram-nos sentir orgulho em sermos europeus. É nestes moldes que devemos seguir em frente.

Mas, enquanto estamos aqui a falar, a Ucrânia ainda está a ser invadida. As bombas ainda estão a matar indiscriminadamente. As mulheres ainda estão a ser violadas. Milhões de pessoas fugiram e continuarão a fazê-lo. Há pessoas que ainda continuam presas nos túneis debaixo de Mariupol.

Os ucranianos contam com a Europa para os ajudar. Porque sabem aquilo que lhes dirão milhões de europeus, forçados a viver meio século subjugados atrás da cortina de ferro: não há alternativa à Europa.

O futuro da Europa está intrinsecamente ligado ao futuro da Ucrânia. A ameaça que enfrentamos é real e o custo associado a um fracasso elevadíssimo.

E pergunto: como irá a história julgar a nossa atuação? Dirá às gerações futuras que o multilateralismo triunfou sobre o isolacionismo? Que foi cimentada uma relação interdependente entre as nações e as pessoas que sentem orgulho nas suas diferenças, tal como a Laura referiu anteriormente, mas que compreendem que, neste novo mundo, só juntos podemos enfrentar o futuro?

Tal só depende de nós. Cabe-nos a nós assumir essa responsabilidade. E deixem-me dizer-vos, aqui e agora, que o Parlamento Europeu irá lutar por uma Europa mais forte e por tudo o que a Europa significa. Significa liberdade, democracia, Estado de Direito, justiça, solidariedade, igualdade de oportunidades.

Significa que temos de ouvir, mais do que falar. Pois, nesta Conferência, o que está em causa são vocês, o nosso projeto, em que trabalhamos em prol das pessoas nas aldeias, nas cidades e nas regiões de toda a Europa.

A história da Europa é uma história honrosa. Criámos o mercado comum, garantimos o alargamento com a sucessiva adesão de diferentes Estados, adotámos o sufrágio universal, eliminámos as fronteiras internas, criámos uma moeda comum e consagrámos os direitos fundamentais nos nossos Tratados. O nosso projeto europeu é uma história de sucesso. Pode não ser perfeito, mas somos um bastião da democracia liberal, das liberdades pessoais, da liberdade de pensamento e da segurança. Um projeto que inspira milhões de pessoas, na Europa e em todo o mundo.

No entanto, esta Conferência demonstra também que existe um fosso entre o que as pessoas esperam e o que a Europa é capaz de realizar neste momento. É por isso que, numa fase seguinte, precisamos de uma convenção. O Parlamento irá também insistir nesta questão. Há assuntos que simplesmente não podem continuar a aguardar decisão.

Tal aplica-se à defesa. Precisamos de uma nova política de segurança e defesa, pois sabemos que precisamos uns dos outros e que, sozinhos, somos vulneráveis. Neste contexto, não temos de reinventar a roda. Podemos complementar as alianças existentes, em vez de competir com elas.

Tal aplica-se à energia. Estamos ainda demasiado dependentes de autocratas. Trata-se de um domínio ainda caracterizado pela «insularidade energética», em que temos de prestar apoio uns aos outros, à medida que nos libertamos do Kremlin e investimos em fontes de energia alternativas. Um domínio em que, e disto estamos cientes, a energia renovável rima tanto com segurança como com ambiente. Mas só podemos fazê-lo em conjunto.

O mesmo se aplica às alterações climáticas. O desafio de toda uma geração. A este respeito, a Europa pode vangloriar-se de ter estado na vanguarda a nível mundial.

Aplica-se à saúde, onde temos de ter em conta os ensinamentos retirados da pandemia e de interligar os nossos sistemas de saúde, partilhar informações e conjugar recursos. Quando formos atingidos pelo próximo vírus, não podemos deixar que ele paralise as nossas vidas. Não podemos ter como primeiro reflexo a reconstrução das fronteiras do passado.

Aplica-se ao nosso modelo económico, que tem de ser suficientemente flexível, sem que para tal tenhamos de atar as mãos das gerações vindouras. Em que possamos criar os postos de trabalho de que precisamos para prosperar.

Aplica-se à migração – tal como ouvimos nos vídeos e testemunhos –, um domínio em que ainda temos de criar um sistema justo para com as pessoas que precisam de proteção, firme com as que não se encontram em tal situação e inabalável face àqueles que abusam das pessoas mais vulneráveis do planeta.

Aplica-se à igualdade e à solidariedade. A nossa Europa deve continuar a ser um lugar onde cada um de vós pode ser quem desejar ser, onde o vosso local de nascimento, o vosso género e a vossa orientação sexual não põem em causa o vosso potencial. Uma Europa que defende os nossos direitos: das mulheres, das minorias e de todos nós. Uma Europa que não deixa ninguém para trás.

Em todos estes domínios e em muitos mais, quero que a Europa assuma um papel de liderança. Porque, se não o fizermos, esse papel será simplesmente assumido por outros.

Caros europeus,

Nesta Conferência sobre o Futuro da Europa participaram centenas de milhares de pessoas em toda a Europa. Tem sido uma experiência intensa que dá conta da força da democracia participativa, na sequência de longos meses de discussões e de intenso debate. Gostaria de agradecer a todos vós pela fé que depositam na promessa que a Europa representa.

Gostaria de agradecer expressamente a Guy Verhofstadt e Dubravka Šuica, bem como às diferentes Presidências do Conselho, ao Senhor Primeiro-Ministro António Costa e ao Senhor Ministro Clement Beaune, hoje aqui presentes. Muito obrigada por terem presidido a este processo. Quero também agradecer ao nosso falecido Presidente David Sassoli, que tantos motivos de orgulho teria. Teria certamente muito orgulho neste dia. Como é óbvio, nada disto teria sido possível sem o pessoal envolvido. Uma salva de palmas para o pessoal do Parlamento Europeu e das instituições, cujo trabalho contribuiu de forma palpável para a realização deste evento. Agradeço a todos por acreditarem neste exercício, por lutarem pela Europa, por contrariarem os cínicos.

É mais fácil ser cínico, populista e olhar para o umbigo, mas temos de pôr a nu o populismo, o cinismo e o nacionalismo: são apenas falsas esperanças, vendidas por quem não tem respostas, por aqueles que têm medo de forjar o longo e difícil caminho do progresso.

A Europa nunca teve medo. Chegou o momento de acelerar o passo e não de recuar.

Estamos, uma vez mais, perante um momento decisivo da integração europeia e não devemos descartar nenhuma proposta de mudança. Para lá chegarmos, temos de adotar o processo que se afigure necessário, seja ele qual for.

Quando era estudante, empenhei-me na política porque acreditava que o lugar da minha geração era na Europa. Esta minha convicção mantém-se inalterada. Para nós, não há uma velha Europa nem uma nova Europa; não há Estados grandes nem Estados pequenos. Em nosso entender, as ideias são maiores do que a geografia.

Permanecerá para sempre vivo em mim aquele sentimento que se instalou, há 18 anos, quando 10 países, incluindo o meu próprio, aderiram à UE. Contávamos os segundos até à meia-noite do primeiro de maio e a alegria, a esperança e a intensidade com que as pessoas acreditavam era manifesta. Hoje em dia, as pessoas na Ucrânia, na Geórgia, na Moldávia e ainda nos Balcãs Ocidentais estão a olhar para nós com as mesmas aspirações. É óbvio que todos os países têm de seguir o seu próprio caminho, mas não devemos ter medo de libertar a força que a Europa tem para mudar a vida das pessoas para melhor, tal como sucedeu no meu país.

Por último, estamos hoje aqui reunidos no Dia da Europa, durante o ano dedicado à juventude, na sede do Parlamento Europeu, em Estrasburgo. Não há nada que simbolize melhor a força da democracia, a capacidade da Europa para dar o próximo passo, em conjunto.

Eis chegado o momento de responder ao apelo lançado à Europa. Eis chegado o nosso momento.

Obrigada.